



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 14ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Dedicado aos amantes do futebol, *Festival Cinefoot* marcou presença no Centro Cultural Justiça Federal

Entre os dias 10 e 15 de maio, o Cinema do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** se transformou em uma estilizada arquibancada. Foi de lá que amantes do futebol puderam assistir alguns dos longas e curtas-metragens que fizeram parte da 15ª edição do *Festival CineFoot*, único festival de cinema de futebol do Brasil, pioneiro na América Latina. O evento exibiu mais de 70 filmes nos em 8 dias de realização. No Rio de Janeiro, além do CCJF, a mostra competitiva que contou com 26 títulos, sendo 15 brasileiros e 11 internacionais, também aconteceu na Estação Net Botafogo, Estação Net Rio e Ponto Cine; já em São Paulo, ficou do dia 10 a 13 de maio, no Museu do Futebol.

Restaurada deusa *Justitia*, localizada no topo do prédio do CCJF



No final de maio, a estátua da deusa romana *Justitia* foi restaurada, ficando ainda mais bonita e imponente, no topo do prédio do CCJF. Dando as boas vindas aos visitantes, o monumento histórico reluz, embelezando a Cinelândia, no Centro do Rio. A restauração da estátua faz parte do plano de restauro da fachada do Centro Cultural, que segue em curso. Venha conferir o resultado deste lindo trabalho!

Em 2025, o festival destacou obras sobre personalidades marcantes dos quatro grandes clubes do Rio, entre elas “Alma e corpo de uma raça”, produzido pela Cinédia em parceria com o Flamengo, em 1938, “É tempo de botafogo: glória eterna”, realizado pela Conmebol, em 2024, sobre a conquista da Taça Libertadores, “Herança de Chico”, sobre o torcedor tricolor Chico Guanabara e a história de Almir Pernambuquinho, gênio indomável dos gramados, ex-jogador do Vasco da Gama. Os filmes exibidos concorreram a prêmios: *Taça Cinefoot de Melhor Longa-Metragem*, *Taça Cinefoot de Melhor Curta-Metragem*, *Troféu João Saldanha*, *Troféu Museu da Pelada* e *Troféu AM SporTV*. Quem levou a taça como melhor longa-metragem foi “Itaperuna Esporte Clube - A Águia do Noroeste”. Já o curta-metragem que ganhou 1º lugar foi o italiano “A Seleção do Chile”. Para saber mais sobre os demais premiados, [clique aqui](#).

Para Antonio Leal, idealizador e diretor do *CineFoot*, é um privilégio ter levado às telas mais de 600 filmes de futebol procedentes de vários países, reunindo uma audiência que alcançou centenas de milhares de espectadores, ao longo de 15 anos ininterruptos. “O *Cinefoot* é o berço do cinema de futebol no Brasil no formato de festival. E conduz com enorme orgulho este marco de pioneirismo e inovação. Acima de tudo, chegamos aos 15 anos reverenciando o passado e entusiasmados com o futuro”, destacou o diretor ao comemorar a cinefilia “futebolera”.

Sobre a importância do CCJF abrir as portas ao evento que casa futebol, paixão nacional, e cinema, Leal ressalta que é sempre uma grande oportunidade poder levar os filmes do *Cinefoot* para um público que se concentra no coração do cinema do Rio de Janeiro, a Cinelândia. Além disso, no CCJF, também foi possível oferecer sessões com acessibilidade, dedicada a pessoas com deficiência visual. “Com isso, o CCJF se consolida como uma das sedes do *Cinefoot*, o que para nós é muito importante porque dedicamos uma grande atenção à programação que é exibida lá. Cada vez mais nos fortalecemos apresentando uma programação repleta de diversidade, de vários temas que abordam o futebol, e com entrada franca. Então, o *Cinefoot* segue e com o CCJF como nosso parceiro há mais de uma década”, ressalta Leal ao pontuar que, hoje, os festivais de cinema cumprem um papel essencial de aproximar o público da cinematografia brasileira, nem sempre presente no circuito comercial exibidor (salas de cinema).

“É certo que a produção audiovisual ainda tem uma dívida imensa com o rico celeiro de histórias sobre o futebol brasileiro. Mas elas certamente serão concretizadas e o *CineFoot* será sempre o espaço acolhedor, a cancha calorosa e plena, para encantar o público com estes filmes fascinantemente únicos”, conclui Leal. Realmente, foi um verdadeiro golaço!

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas

orientadas (exceto no recesso judiciário e feriados):

Terças e quintas das 14h às 16h

Gratuito

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:

visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente (e para os olhos)



No palco, a atriz Bia de Queiroz dá vida a jovem Elena, personagem que vive alguns fracassos na vida pessoal e profissional

Quais são seus medos, fracassos e anseios? Peça teatral reflete sobre as divagações da vida de uma forma leve e descontraída

Durante o mês de maio, a peça *Insucessos de Uma Vida Quase Adulta* movimentou o teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Dirigido por Stella Maria Rodrigues, escrito e protagonizado por Bia de Queiroz, o espetáculo levanta pautas sobre os fracassos, medos e anseios da protagonista — uma jovem de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, que vai para a capital estudar teatro —, refletindo tópicos relevantes na sociedade atual.

Ao participar de um teste para uma série, a diretora pede para Elena — que chega toda molhada de chuva ao local — contar algo sobre a sua vida. Entre desilusões amorosas, resultados negativos em testes, relações familiares conturbadas e, até mesmo, a perda de sua mãe, a personagem enfrenta insucessos em diversas áreas de sua vida, dos 19 aos 25 anos.

Elena relata todos esses acontecimentos de forma leve e engraçada, interagindo em muitos momentos com o público — teve até quem subisse no palco como convidado para interpretar um ex-namorado citado em uma das histórias —, arrancando risadas e gerando identificação com aqueles que já passaram ou ainda passam pela insegura fase da vida de acreditar que nada dará certo. Apesar de todos os fracassos, a personagem continua seguindo seu sonho de ser atriz, confiando que, em algum momento, conseguiria alcançar seus objetivos, mesmo não acreditando muito em si mesma.

Insucessos de Uma Vida Quase Adulta retrata a vida de muitas pessoas que se sentem perdidas — principalmente no início de suas carreiras —, e vivem se comparando com as pessoas ao redor. O espetáculo deixa um recado muito importante sobre essa fase, deixando uma mensagem de esperança: por mais que as coisas estejam ruins, um dia elas, certamente, irão melhorar.



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:

A atriz, escritora e idealizadora da peça, Bia de Queiroz, contou para a **Vitral Cultural** sobre sua experiência com o público e o quanto essa temporada foi especial. “A temporada no CCJF foi bastante especial porque foi a nossa 6ª estreia, uma conquista importante para um projeto que vem sobrevivendo e caminhando com muito amor e muita garra nesse ambiente teatral intenso e mágico. Fechamos a temporada do espetáculo dignamente, contando com um público animado e aberto para se divertir e se entregar a história da peça que só foi bem contada porque o ambiente nos trouxe essa segurança. Finalizei uma etapa importante da minha carreira nesse teatro e entrei numa nova fase”, declarou.

O produtor cultural, Pedro Couto, trouxe um pouco sobre sua percepção em relação ao espetáculo. Ele ressalta que de insucesso, a peça teatral não tem nada. “Assistir à peça foi uma experiência ótima. Apesar do título, que pode até parecer modesto, a peça entregou exatamente o contrário e é um sucesso. Me peguei refletindo sobre os caminhos da vida de forma leve, divertida e, ao mesmo tempo, profunda. A construção é super imersiva e mantém a gente atento o tempo todo. Foi muito especial poder prestigiar a atriz, que está incrível, e também os voluntários que aceitaram participar do momento interativo”, relatou.



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)



Julie Wein, ao piano e voz, no palco do Teatro do CCJF, no show Infinitos Encontros

Julie Wein em *Infinitos Encontros*: uma viagem íntima rumo às emoções

No dia 14 de maio, o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu *Infinitos Encontros*, um lindo concerto musical estrelado pela cantora, compositora e pianista Julie Wein.

A musicista apresentou as harmoniosas composições de música popular brasileira presentes em seu álbum – que leva o mesmo nome do espetáculo –, contextualizando cada canção e contando suas histórias baseadas em memórias de sua vida. Julie também interpretou cantores clássicos da MPB, como Chico

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabe quais são os elementos que compõem as portas de entrada do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)?

As majestosas portas históricas do CCJF foram feitas a partir de um projeto tão bem pensado que até as molduras fazem parte desse conjunto.

Buarque, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Milton Nascimento, entre outras vozes que trazem gostosas melodias aos ouvidos.

O teatro foi preenchido com o suave tom da voz da cantora e pelo som das teclas do piano. A marcante presença de palco de Julie fez o público se apaixonar por cada detalhe, criando um ambiente intimista onde as pessoas sentiam-se abraçadas. Ao final do show, a artista fez uma homenagem a Nana Caymmi, cantando *Resposta ao Tempo* e ressaltando a importância dessa canção em sua vida.

Ela relatou o quanto a apresentação no CCJF foi especial e como o público foi atencioso. “Eu amei cantar no CCJF, é um lugar lindo, tem um teatro maravilhoso com um piano de cauda, um palco ótimo, super bem equipado e um público maravilhoso, atencioso que gosta de música, que interage. Um público realmente especial”, declarou.

A servidora pública, Nayara Souza, destacou que a apresentação despertou admiração dela e que se tornou fã da cantora após o show. “Em uma sessão marcada por emoção e entrega, Julie criou uma harmonia tão natural no ambiente que me convidou a embarcar em suas memórias. Com a *performance* vocal super competente e à altura da ocasião, entregou um material que me despertou admiração, nascendo uma nova fã após o encontro”, afirmou Nayara.



Celina Torrealba, idealizadora (FID:RIO), Walter Tiepelmann, diretor (LINK:RIO) e Leonardo Pinheiro, produtor (LINK:RIO), conversam com o público do FID:RIO, no CCJF
Foto: Dalton Valerio

1ª edição de festival de cinema de não ficção discute novos rumos na produção de documentários no Brasil

Reimaginar o “fazer” cinematográfico, incentivando a produção de documentários contemporâneos que desafiam padrões na indústria do cinema. Com essa ideia principal, foi concebida a 1ª edição do *FID:RIO - Festival Internacional de Cinema de Não Ficção do Rio de Janeiro* que aconteceu no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) entre os dias 16 e 18 de maio.

Talhadas em peroba, quando fechadas, elas formam um painel único, carregando logo acima o busto da emblemática Justiça, em tamanho natural. Abaixo, é possível observar elementos que representam a Justiça, como a balança e, nas suas junções, duas espadas. Ao centro, nuvens e raios solares.

Já na parte de baixo da porta, dois grifos segurando flores, decorando ainda mais essa verdadeira obra de arte. O responsável por executar o projeto foi o entalhador Manoel Ferreira Tunes, que misturou o estilo clássico do Renascimento com um toque Modernista e original.

Você já reparou todos esses detalhes do cartão de visita do Centro Cultural? Venha vê-los bem de perto, nos fazendo uma visita.

Para Celina Torrealba, cineasta e idealizadora do projeto, o *FID:RIO* nasceu para ser uma espécie de catalisador para uma reflexão profunda sobre o cinema de não ficção dos dias de hoje. “Em um cenário global em que os limites da linguagem e da percepção estão em constante evolução, nosso objetivo sempre foi criar um espaço onde cineastas não apenas desafiem as convenções do documentário, mas também reimaginassem o “fazer” cinematográfico. Queríamos ver projetos que ousassem transitar entre formas e que tivessem o poder de provocar e provocar discussões sobre o mundo à nossa volta”, conta ela, ao destacar que o ideal foi não apenas conquistado, mas ampliado.

Sobre a parceria com o CCJF, Celina destaca que foi fundamental para o sucesso da 1ª edição do festival. “Foi um marco significativo, estamos entusiasmados em fortalecer essa colaboração no futuro. A visão do CCJF sobre o desenvolvimento cultural do Rio de Janeiro é plenamente alinhada com a nossa, e a equipe demonstrou um compromisso inabalável com a excelência”, pontua. Além disso, a cineasta define o Centro Cultural como local de grande valor histórico, um pilar importante para o fortalecimento da democracia, fato “que se conecta com o compromisso do *FID:RIO* de usar a linguagem cinematográfica para promover cineastas do Rio de Janeiro” no intuito de que a arte tenha impacto na sociedade brasileira.

Mais sobre o festival – O *FID:RIO* apresentou uma curadoria de novos realizadores, revisitou obras de cineastas consagrados e recuperou filmes e cinematografias pouco conhecidas. Além disso, em paralelo ao festival, foi realizado o *#LINK:RIO*, um laboratório voltado ao desenvolvimento de projetos documentais em fase inicial produzidos por realizadores do Rio de Janeiro. Os selecionados participaram de consultorias em grupo, conversas com cineastas experientes, e encontros com diretores(as), roteiristas e produtores(as) renomados, que compartilharam seus caminhos, processos criativos e desafios.

O objetivo foi transformar ideias em projetos consistentes e traçar um percurso crítico para seu desenvolvimento. “O *LINK:RIO* já é prova de que estamos criando um espaço de apoio contínuo para cineastas que buscam explorar novos territórios. É, sem dúvida, um ponto de inflexão para a criação de um cinema mais ousado e representativo, com impacto no cenário global. Estamos apenas começando, mas os sinais indicam que o *FID:RIO* tem muito a contribuir para a reinvenção do documentário no Brasil”, ressalta Celina.

Segundo ela, em um cenário em que a criação autoral precisa de espaço para florescer, programas que oferecem não só recursos, mas também uma orientação crítica e estratégica, desempenham um papel essencial nesse contexto. “A importância de projetos como esse está justamente em sua capacidade de criar um ecossistema em que as ideias podem se transformar em filmes consistentes e com um olhar crítico apurado sobre nossa realidade”, completa.

A aliança do festival com o *FIDBA - Festival Internacional de Cinema de Buenos Aires*, já com 15 edições no histórico, também se mostrou essencial para o sucesso do festival na cidade do Rio. O *FIDBA* trouxe *know-how*, uma rede consolidada de tutores e uma equipe especializada – que já ajudou cineastas premiados em festivais internacionais. “Essa experiência se refletiu diretamente na programação de longa e curta-metragens da primeira edição do *FID:RIO*, garantindo uma curadoria de alto nível. Além disso, foi crucial para a rápida

consolidação do LINK:RIO. Durante o evento, nove filmes selecionados participaram de três dias de tutoriais; e apresentaram seus projetos em uma sessão de *pitch* para um grupo de profissionais da indústria”, detalha Celina.

A tendência, segundo os organizadores, é que o *FID:RIO* se torne um evento anual, pois a resposta positiva do público e da indústria reforça a relevância do festival. Todos torcem para que a parceria com o CCJF continue sendo uma base sólida para a realização das próximas edições.



O Trio Malta, Suzano & Meirelles apresenta repertório com melodias instigantes no palco do CCJF

Malta, Suzano & Meirelles no CCJF: um espetáculo de conexão e criatividade

Na noite do dia 13 de maio, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu no Teatro o Trio *Malta, Suzano & Meirelles* em um show bem instigante e longe do trivial. Amigos há mais de 30 anos, os músicos decidiram apostar em uma mistura surrealista e espontânea de sons, com um repertório único.

Para aqueles não tão acostumados com uma musicalidade experimental, as composições certamente soaram pouco convencionais no início da apresentação, mas música após música, o público foi envolvido pela atmosfera de novidade que permeou o espaço – até os pés mais enraizados na tradicionalidade foram conduzidos pelo ritmo que alguns acabavam de aprender. A troca entre os músicos e o entusiasmo por estarem juntos no palco roubou a cena e os corações de quem assistia. Até quem não os conhecia sentiu-se parte da festa que aconteceu diante dos olhos e penetrou nos ouvidos de cada presente.

Carlos Malta, Marcos Suzano e Alex Meirelles, de fato, deram um show, mas os verdadeiros protagonistas da noite foram os acordes, que fizeram da apresentação uma autêntica e fascinante experiência. Liane Varsano, produtora do espetáculo, destacou o prazer de retornar ao CCJF, dessa vez com o Trio. “Foi um encontro musical com uma espontaneidade artística e uma experiência musical ímpar. Os músicos adoraram estar no palco e interagir com a plateia”, destacou a produtora cultural.

A jornalista e produtora Janaína Toscan compartilhou que, quando soube que Liane Varsano promoveria o encontro *Malta, Suzano e Meireles*, concluiu que era uma fórmula que não tinha como dar errado. “Três maravilhosos músicos com um incrível talento para improvisação e para construção de sonoridades. Malta e Suzano, especialmente, eu acompanho há mais tempo e é sempre uma experiência única ouvi-los tocar. Mas esse show entrega muito mais do que a gente pode esperar, porque eles três, juntos, trazem uma energia vibrante, alegre, contagiante; dá pra ver que se divertem nessa troca e isso passa para gente, na plateia. No final, a gente quer dançar. Saí do teatro sorrindo e fui embora com a alma leve”, contou.

Malta, Suzano & Meireles no CCJF parece ter sido tudo o que se espera de um show de amigos: música boa e muito entrosamento. O trio prometeu uma apresentação inédita e entregou sentimentos conhecidos.



Participantes com seus livros artesanais em mãos: resultado do trabalho da oficina literária com foco no trabalho do escritor Manoel de Barros

Um Abrigo para as palavras: quando sentimentos ganham capa e costura

No dia 10 de maio, a Sala de Cursos do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu *Um abrigo para as palavras*, uma oficina mergulhada na poética de Manoel de Barros que ensinou a confeccionar um livro artesanal para abrigar tudo aquilo que as palavras podem traduzir – sentimentos, memórias e, até mesmo, o silêncio.

A oficina foi dividida em dois momentos. No primeiro, a escritora e atriz Bianca Ramoneda guiou os participantes pela jornada do escritor brasileiro por meio de vídeos e palavras de quem conhecia sua trajetória. No segundo, foi a vez da professora e *designer* Gabriela Irigoyen atrair os participantes para a construção de livros artesanais inspirados nos cadernos que o próprio poeta criava para uso próprio. A tarde foi marcada por um entusiasmo único de quem não apenas viu ali uma oportunidade de aprender a criar um livro artesanal, mas de entender o poder da construção de um lugar que acomoda mais

do que palavras. O ambiente, permeado de pessoas de todas as faixas etárias, assumiu um ar de sala de aula. As brincadeiras e as risadas eram semelhantes àquelas vistas em uma sala cheia de adolescentes.

Galdina da Rocha, professora de português e literaturas, relata que foi um encontro memorável. “As duas (Bianca Ramoneda e Gabriela Irigoyen) são muito competentes e muito acolhedoras, foi uma tarde muito agradável. Podem até ter outras oficinas, porque realmente foi um dia muito especial”, sugeriu Gal. As opiniões de Yara Alencar, produtora cultural, e Mary Kunha, preparadora corporal de atores, não foram muito diferentes da de Galdina. “A forma como a oficina foi conduzida foi muita inspiradora e permitiu que eu explorasse a minha criatividade de maneira livre e divertida. Conseguir produzir os três cadernos artesanais foi uma surpresa deliciosa e despertou em mim a vontade de seguir experimentando esse lindo fazer artesanal”, relatou a produtora cultural.

Já a preparadora corporal conta que se sentiu como uma criança feliz. “Foi uma experiência extraordinária, pois nos fez mergulhar no mundo mágico do poeta Manoel de Barros através da relação de amizade, admiração e imenso carinho que a Bianca Ramoneda e ele desenvolveram. Ela nos apresentou esse ser incrível e fez a gente se emocionar com tanta beleza. E, ainda, tivemos a oportunidade de criar os cadernos artesanais que a querida Gabriela Irigoyen nos ensinou. Foi inesquecível”, destacou Mary.

Desde 2021 trabalhando juntas em oficinas, Bianca e Gabriela uniram suas paixões: poesia e criação de livros. “A Bianca, pesquisadora há mais de 25 anos da obra de Manoel de Barros e eu, criando livros poemas há mais de 20 anos, juntamos nosso tempo dedicado à arte e oferecemos, no CCJF, um repertório de inspirações e provocações para o ato de escrever poesia e de criar objetos poéticos em forma de livros”, declarou a *designer*. “Compartilhamos um dia com poesia, afeto, carinho, aprendizado, partilha e tempos longos, de corpo e alma presente. A poesia também guia e acorda as mãos, e o coração acompanha”, concluiu.

Considerando as vozes daqueles que usaram as mãos para construir livros, só se ouviu elogios a respeito da tarde que passaram no CCJF. Assim como Bianca e Gabriela, os inscritos se uniram por paixões que alguns nem sabiam que tinham e se conectaram com algo muito maior do que palavras.





As musicistas de Luz do Candeeiro mostram toda a brasilidade do forró e chorinho no palco do Teatro do CCJF

Forró do Luz do Candeeiro: um show que reverbera valorização cultural

Já na fila, na porta do Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), pouco antes do show — na noite da última quinta-feira de maio (29) —, o público pode ouvir os primeiros acordes das sanfonas, gaita e pandeiro das meninas do grupo *Luz do Candeeiro* que, alegres, davam as boas-vindas a todos. O ambiente, que respirava cultura brasileira, já começava a se formar. Lá dentro, minutos depois, com a plateia já acomodada nas cadeiras, as musicistas continuaram a apresentar o repertório que misturava forró e chorinho instrumental, composições de grandes nomes da música brasileira, entre eles Marcelo Caldi, Dominginhos e Anastásia, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Fagner. A acústica do teatro ajudava a tornar a atmosfera mais festiva, e ao mesmo tempo, acolhedora. Parecia um encontro de amigos de longa data, cercado de muito entrosamento e musicalidade de primeira, que entoava a valorização das raízes nordestinas com canções clássicas como *Cajuína* e *Lamento Sertanejo*, acompanhados por *Forró Transcendental* e *Petro Forró*.

Marcela Coelho, sanfoneira do Luz do Candeeiro, destaca a relevância de instituições culturais abrirem as portas para atrações que prestigiam a cultura popular brasileira. “Gostaria de ressaltar a importância de existirem espaços como o CCJF, que abre a casa para grupos como o nosso, de música instrumental brasileira, que valoriza a nossa história. Nós tocamos chorinho e forró de grandes compositores e compositoras nacionais. E, graças a essa casa, conseguimos realizar esse show tão importante para nossa cultura”, pontua ao agradecer pela oportunidade, desejando que mais e mais artistas possam ser recebidos nos palcos do Centro Cultural.

Além de Marcela, o grupo *Luz do Candeeiro*, criado em 2024, é composto por Joana Araújo (sanfona), Georgia Camara (percussão) e Maria Souto (flauta e pífano). Entre os temas, as musicistas apresentam peculiaridades do repertório, seus autores, a música nordestina e seus gêneros. Certamente, haverá outros encontros semelhantes que farão o público imergir, com prazer, nos cancionários populares que mostram o quão plural é o Brasil. Um verdadeiro programa!



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Cristiane Leal

A ideia da série Por Dentro do CCJF é trazer, a cada mês, um curto bate-papo com um convidado(a), inspirado naquelas boas prosas que acontecem na hora do café e que, muitas vezes, dá uma leveza no dia a dia.

A **Vitral Cultural** deste mês convida para o bate papo virtual, **Cristiane Leal**, vigilante que faz parte da equipe de terceirizados do Centro Cultural Justiça Federal.

Sempre com muito profissionalismo e bom humor, uma das guardiãs das recepções do CCJF, fornece informações a quem chega, encaminha visitantes às reuniões e apoia toda a equipe de diversas maneiras.

Na entrevista, Cris, como costuma ser chamada, conta sobre suas atribuições no CCJF e como se sente trabalhando em um espaço que exala arte e cultura. Confira a íntegra, logo abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão de vigilante? Como é trabalhar no CCJF?

Cristiane Leal: A escolha por seguir a carreira de vigilante foi motivada pela profissão do meu pai, que na época era coordenador de uma empresa de segurança. Hoje, mais de uma década depois, inspirada por ele, continuo seguindo os mesmos passos.

Trabalhar no Centro Cultural Justiça Federal é muito gratificante! Digo isso por ser um espaço que promove à população diversas atividades artísticas e culturais, além de oferecer eventos que abordam questões relevantes para sociedade como justiça e direitos humanos.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Cris: Trabalho há 11 anos no CCJF na função de vigilante. Minha missão é sempre manter a ordem no local, protegendo o patrimônio e a integridade física dos funcionários e dos visitantes. Tenho plena consciência da responsabilidade da minha atribuição, por isso, todos os dias sigo oferecendo meu melhor, com todo o zelo e amor pelo que faço.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal?

Cris: Um episódio que ficou na minha memória foi a realização do evento do *Star Wars*, que aconteceu nos dias 09 e 10 de

novembro de 2019, aqui no CCJF. Ele tomou todos os espaços do Centro Cultural, o teatro, o cinema, as galerias de exposições, a Sala de Sessões, a entrada principal...Nós, terceirizados, fomos convidados a participar das atividades juntamente com os servidores e o público. Na mesma ocasião, fomos reconhecidos pelo nosso trabalho. Foi bem marcante para mim.



FID:RIO e o desejo de escutar o mundo

Por Celina Torrealba, cineasta e Sergio Carpi, produtor .

Os autores, em parceria com o CCJF, realizaram, em maio, o FID:RIO, no Centro Cultural.

"A potência do documentário autoral reside justamente em sua capacidade de transformar uma experiência pessoal em questão coletiva. Quando uma história íntima encontra forma, ela pode se tornar política. Mas, para isso, é preciso partir de uma motivação clara: o que se quer contar? E, mais importante, por que se quer contar?"

O cinema de não ficção contemporâneo vive um momento de reconfiguração radical. Longe da ideia de "registro da realidade", ele se afirma enquanto linguagem que interpreta, inventa e tensiona o mundo. Foi a partir dessa compreensão que nasceu o *FID:RIO – Festival Internacional de Cinema de Não Ficção do Rio de Janeiro* –, um espaço voltado à exibição e ao desenvolvimento de filmes autorais que rompem com os formatos estabelecidos e investigam outras formas de narrar.

A primeira edição, realizada em maio de 2025 no **Centro Cultural Justiça Federal**, teve como eixo curatorial o tema "Fricções do Desejo", reunindo obras que colocam em choque o íntimo e o político, a forma e o conteúdo, o corpo e a linguagem. O desejo, entendido aqui como força motriz da criação, atravessou não só os filmes exibidos, mas também os encontros e debates que ocuparam o espaço durante todo o festival.

A potência do documentário autoral reside justamente em sua capacidade de transformar uma experiência pessoal em questão coletiva. Quando uma história íntima encontra forma, ela pode se tornar política. Mas, para isso, é preciso partir de uma motivação clara: o que se quer contar? E, mais importante, por que se quer contar? O desejo de narrar nasce de um afeto – uma ausência, uma perda, uma inquietação – e é esse desejo que guia todas as escolhas de linguagem. É nesse momento que o filme se torna um gesto.

Os filmes apresentados no *FID:RIO* demonstraram que, hoje, muitas vezes é preciso inventar a realidade para que ela seja compreendida. Vivemos em uma época em que a realidade, enquanto valor de verdade, está em ruínas. Tudo pode ser manipulado, tudo pode ser mentira. O lugar do real está em disputa – nas imagens, nas narrativas públicas, nos discursos de poder. E, nesse cenário, o mais político pode ser justamente o mais ficcional. Porque rompe com o consenso, desafia a noção de verdade como algo dado e devolve ao espectador a dúvida, a fricção, o estranhamento.

Nesse contexto, a autoficção não é mentira. Não se trata de enganar, mas de construir uma verdade subjetiva – emocional, sensível, política – por meio da invenção. Ela é uma ferramenta legítima e potente para acessar e revelar verdades profundas, que escapam à objetividade dos fatos, mas definem quem somos. A verdade do cinema de autor não está na fidelidade ao acontecimento, mas na honestidade do gesto. O real habita uma falha, um silêncio, um desvio – e é nesse terreno instável que o documentário contemporâneo caminha com mais liberdade.

A maneira de contar a história — o ritmo, a câmera, a montagem, a presença ou ausência do autor — faz com que o tema nos atravesse e se torne nosso. E isso é fundamental no cinema de não ficção independente: provocar no espectador um reconhecimento afetivo, uma experiência sensível, estética e ética.

Foi com esse espírito que nasceu o laboratório *#LINK:RIO*, realizado em paralelo ao festival. Nove projetos documentais foram acompanhados ao longo de quatro dias de tutorias intensivas. Mas as tutorias não foram apenas exercícios de análise estrutural ou narrativa — elas foram percursos íntimos. Em cada projeto, a pergunta que mais importava era: por que esse filme só pode ser feito por você? E, a partir dessa escuta, surgiam questões de forma, ponto de vista e linguagem.

Em muitos casos, os autores precisaram lidar com o que não está. Como trabalhar a ausência — de uma pessoa, de uma imagem, de uma memória — como presença dramática? Como dar corpo ao que falta? Essa foi uma das descobertas mais férteis do laboratório: contar o que não se pode mostrar. Usar o silêncio como estrutura. Fazer do invisível a espinha dorsal da narrativa. Ao lidar com a ausência, o filme revela algo essencial sobre a experiência humana — e sobre o gesto de filmar.

Em um cenário em que o audiovisual independente enfrenta inúmeros desafios, o *FID:RIO* e o *#LINK:RIO* afirmam a importância de políticas de cuidado e risco. Cuidado com o tempo de maturação das ideias. Risco ao acolher narrativas que desafiam formatos, mercados e discursos prontos.

O festival nasce comprometido com uma geração de cineastas que deseja romper com os limites da representação e propor novas formas de olhar para o mundo. Cultivar esse espaço é permitir que o cinema continue sendo, antes de tudo, uma forma de escuta: do outro, de si mesmo, e daquilo que ainda não sabemos nomear, mas que já sentimos.

Nesse gesto, o festival se alinha também à vocação da cidade do Rio de Janeiro como cidade criativa — uma metrópole onde a mistura, a contradição e a invenção fazem parte da paisagem e da cultura. O Rio tem uma longa tradição de experimentação artística e um imaginário próprio que tensiona o visível. Ao unir a força do festival com a potência criativa da cidade, ampliamos as possibilidades do cinema de não ficção como espaço de invenção estética, pensamento crítico e pulsação coletiva.

